

CADERNOS NEGROS: LEITURAS DAS CAPAS

Eliaquim Da Silva Gonçalves¹
Eliz Nathanael De Oliveira Assunção Cesário²
Antonia Suele De Souza Alves Pereira³

RESUMO

Este trabalho investiga as capas da série literária Cadernos Negros (CN) como artefatos que participam da experiência de leitura e produzem outras imagens, narrativas e práticas de mediação. Publicada desde 1978 e organizada pelo grupo Quilombhoje a partir de 1982, a série constitui um dos mais longevos movimentos coletivos da literatura afro-brasileira. A pesquisa parte da experiência do leitor-pesquisador com os exemplares físicos dos CN e das ações de mediação de leitura realizadas pelo coletivo ANUM-Preto, formado por estudantes negros da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Metodologicamente, articula pesquisa bibliográfica, observação dos livros como objetos e análise comparativa entre capas dos CN e peças gráficas produzidas para ações do coletivo entre 2021 e 2022. O estudo dialoga principalmente com Antônio (2005), Souza (2005) e Medeiros (2023). As análises evidenciam que as capas não atuam apenas como elementos editoriais externos aos textos: participam da construção de uma imagética afro-brasileira e atravessam as formas pelas quais leitores negros se relacionam com a série. Ao serem retomadas nos cartazes do ANUM-Preto, essas imagens passam por processos de recriação nos quais estudantes, territórios e experiências dos leitores são inscritos em uma visualidade anteriormente construída pelos CN. Assim, a leitura é compreendida como prática capaz de produzir novos artefatos, nos quais livro, imagem, memória e experiência do leitor se encontram.

Palavras-chave: cadernos negros; capas; análise comparada.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas-ILL, Discente, eliaquimdasilvagoncalves@gmail.com¹

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas-ILL, Discente, eliz.nathanael@gmail.com²

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, Instituto de Linguagens e Literaturas-ILL, Docente, suele@unilab.edu.br³

INTRODUÇÃO

Os livros acompanham os seus leitores; estes, sim, são os que vivem mudando de lugar. Alguns leitores, em suas mudanças e percursos, acabam tendo que guardar seus livros em outras estantes. Foi Geiseane Souza (Geise), pesquisadora atuante do Movimento Negro Unificado (MNU) de Fortaleza e companheira de graduação na Unilab, quem me apresentou a série Cadernos Negros (CN), na cidade de Redenção. Dois cotistas: eu pesquisava autodeclaração nas cotas raciais na Unilab; Geiseane pesquisava a história da formação do MNU de Fortaleza. Era 2019 e estávamos no terceiro semestre do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades.

Lombada e capa cor de amarelo-ouro, uma máscara africana e, em letras garrafaís vermelhas, “CADERNOS NEGROS volume 41”. O subtítulo em preto anunciava: poemas afro-brasileiros. A capa já me dizia da importância daquele livro; pude ouvi-la gritar a chamar o meu olhar. Ao abrir o volume e percorrer brevemente seu sumário, títulos como “Atlântico urbano”, “Instante ancestral”, “Militância”, “Ser negro”, “Preta do último tom” e “Negra Existência!” apresentavam indícios do universo literário que encontraria.

O encontro não terminou naquela leitura. Entre 2020 e 2026, reuni 39 volumes físicos da série, encontrados principalmente em sebos on-line. O prazer da leitura dos poemas e contos e o sentimento de descoberta de novas autoras e autores fizeram com que um volume chamasse o outro, como em um magnetismo ancestral de reunião e reencontro. Hoje, há uma estante dedicada somente a eles.

Os Cadernos Negros tiveram sua primeira publicação em 1978, na cidade de São Paulo, a partir da articulação de escritores negros independentes ligados ao Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan). A partir do volume 5, de 1982, passaram a ser organizados pelo grupo Quilombhoje. Produzidos coletivamente, os CN constituíram-se como espaço de circulação da produção literária de escritoras e escritores negros, atravessando diferentes gerações. Para Antônio (2005), cada edição resulta de um processo de seleção que envolve leitores, críticos, escritores e poetas negros, característica que também acentua seu caráter documental.

Ao longo da formação do meu acervo, entretanto, a leitura dos textos passou a ser acompanhada por outra inquietação: o que as capas dos CN também narram? Fotografias, pinturas, máscaras, símbolos, cores e montagens gráficas constituem uma espécie de arquivo visual que acompanha a produção literária da série. Se o texto literário é recebido e reelaborado por seus leitores, interessa pensar também como essas imagens participam dessa experiência.

Essa questão ganhou novos contornos a partir das ações do coletivo ANUM-Preto, formado por estudantes negros da Unilab. Entre 2020 e 2024, o coletivo realizou cerca de dez ações de mediação de leitura e reuniu, em diferentes momentos, doze integrantes. Foi no contato com outros leitores dos CN, compartilhando poemas, conversas e interpretações, que se tornou possível perceber com maior precisão os efeitos produzidos pelas leituras.

Este trabalho tem, portanto, como objetivo analisar as construções narrativas presentes em capas dos Cadernos Negros e suas recriações em peças de divulgação de ações de mediação de leitura realizadas pelo coletivo ANUM-Preto, compreendendo de que maneira as imagens dos livros atravessam a experiência de leitores negros e passam a produzir novos artefatos visuais.

METODOLOGIA

A pesquisa assume caráter qualitativo e articula pesquisa bibliográfica, observação dos exemplares físicos dos Cadernos Negros e análise comparativa de imagens. O corpus integra o acervo reunido pelo leitor-

pesquisador entre 2020 e 2026 e peças gráficas produzidas para ações do coletivo ANUM-Preto, especialmente o I Sarau Cadernos Negros: poemas afro-brasileiros no Acarape, realizado em 2021, e a Oficina Sarau Cadernos Negros, realizada durante o VI Festival das Culturas da Unilab, em 2022.

A análise considera o livro também em sua dimensão material, observando capas, fotografias, elementos gráficos e informações catalográficas. Para compreender historicamente a construção visual da série, dialoga-se principalmente com Souza (2005), que identifica diferentes fases na composição das capas, Antônio (2005), que sistematiza informações sobre artistas e profissionais envolvidos em sua elaboração, e Medeiros (2023), a partir da trajetória coletiva dos CN.

Ao colocar lado a lado capas e peças gráficas produzidas pelo ANUM-Preto, interessa menos estabelecer relações de reprodução fiel e mais perceber operações de referência, apropriação e recriação realizadas pelos leitores. Desse modo, o próprio pesquisador é compreendido como leitor implicado no objeto: alguém cuja experiência com os livros, participação nas ações de leitura e produção de imagens integra o percurso investigativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As capas dos Cadernos Negros sofreram transformações ao longo da história da série. Souza (2005) identifica diferentes momentos de sua construção visual, passando pela presença de elementos relacionados às artes e culturas africanas e, posteriormente, pelo uso de fotografias de pessoas negras. Entre os volumes 18 e 25, por exemplo, fotografias de casais e famílias passam a enfatizar a plasticidade dos modelos e atmosferas de afetividade, aproximando-se de uma linguagem editorial encontrada em publicações destinadas ao público negro.

Essa trajetória permite compreender que a capa não constitui apenas uma embalagem do texto. Antes mesmo da leitura dos poemas ou contos, ela apresenta corpos, símbolos, cenas e possibilidades de identificação. No encontro com leitores, essa visualidade pode ultrapassar o próprio livro e ser mobilizada na criação de outros artefatos.

Um primeiro movimento dessa natureza ocorreu durante a produção dos materiais de divulgação do I Sarau Cadernos Negros: poemas afro-brasileiros no Acarape, em 2021. Criados por Josélia Fonseca, os cartazes homenagearam capas anteriores dos CN e utilizaram fotografias de integrantes do coletivo recém-formado.

Na capa do volume 42, a conversa constitui o centro da cena: duas pessoas negras compartilham uma história, um conto. No cartaz produzido para o sarau, Vitor e Josélia retomam corporalmente esse gesto. Simulam o hábito de conversar e compartilhar histórias em comunidade, convertendo a cena anteriormente apresentada pelo livro em um convite dirigido à periferia do Acarape.

Não se trata somente de copiar uma composição visual. Os corpos presentes na capa dão lugar aos corpos dos próprios leitores, e o território sugerido pela publicação passa a ser relacionado ao território em que a atividade acontece. Nesse deslocamento, a imagem deixa de estar circunscrita ao objeto-livro: torna-se também dispositivo de mediação.

Essa operação aparece novamente nas peças produzidas para a Oficina Sarau Cadernos Negros, realizada no VI Festival das Culturas da Unilab, em 2022. Uma delas tomou como referência o volume 15, publicado em 1992, cuja capa reúne fotografias de Mário Espinosa. As imagens formam uma trama de cenas, corpos e expressões: homens, mulheres e crianças negras aparecem em diferentes enquadramentos, produzindo uma composição marcada por experiências da vida afro-brasileira.

Ao observar a capa, o olhar do leitor-pesquisador também produz narrativa: o homem de olhos fechados pode

tocar um instrumento ou executar uma reza silenciosa; o sorriso de uma mulher ultrapassa, visualmente, o pequeno enquadramento que lhe foi destinado; uma criança observa algo fora da imagem. As fotografias funcionam, assim, como fragmentos de uma experiência cotidiana negra.

Na recriação feita pelo ANUM-Preto, a estrutura visual da capa é retomada com fotografias de estudantes africanos matriculados em diferentes cursos da Unilab e de uma criança pertencente a uma família negra de Russas, no Ceará. O gesto produz uma continuidade e, simultaneamente, uma diferença. Permanecem a organização gráfica e a centralidade de corpos negros; modificam-se sujeitos, tempo e território.

É justamente nesse intervalo entre permanência e transformação que a recriação ganha potência. Os estudantes não estão apenas divulgando uma atividade sobre os Cadernos Negros: passam a habitar uma visualidade que anteriormente encontraram como leitores. Seus corpos são inscritos na continuidade de uma narrativa imagética negra construída pela série.

Uma terceira experiência evidencia esse movimento. O cartaz produzido para a mesma oficina, a partir do volume 31 (2008), preserva elementos cromáticos e composicionais presentes na capa, na qual vermelho, amarelo, preto e verde ganham destaque.

Na capa, uma modelo negra lança o olhar para o céu, onde a lua aparece na penumbra, enquanto seu rosto é iluminado. Na recriação, Vanessa Silva, estudante de Letras - Língua Portuguesa e integrante do ANUM-Preto, mimetiza essa relação entre rosto, olhar e luar. Há, contudo, uma pequena mudança decisiva: Vanessa olha para fora da tela, em direção ao espectador do cartaz.

Essa mudança permite compreender a recriação não como cópia, mas como resposta. Há uma imagem anterior, produzida pelos Cadernos Negros, que encontra o leitor; posteriormente, esse leitor interfere nela, empresta-lhe seu corpo, seu território e sua própria experiência visual e devolve outra imagem ao mundo.

As experiências do ANUM-Preto apontam, portanto, para uma leitura que não termina no ato de ler. Nas ações do coletivo, poemas foram lidos, debatidos e compartilhados, mas a própria visualidade dos livros também foi incorporada às estratégias de comunicação. As capas passaram a integrar os modos de apresentar os saraus e oficinas a outros leitores.

A materialidade do livro adquire, nesse sentido, especial importância. Fotografias, capas, cores e composições gráficas participam da relação estabelecida entre leitor e literatura. Ao produzir cartazes que referenciam diretamente os CN, o leitor insere também sua própria produção narrativa e sua vivência em uma imagética que já havia sido construída pela série, mesclando experiência pessoal e obra.

Essa experiência ajuda ainda a compreender os Cadernos Negros como um arquivo que excede o texto escrito. A observação das capas e das fichas catalográficas revela artistas, fotógrafos, modelos, referências culturais e diferentes estratégias editoriais acumuladas durante décadas de publicação. Como observa o próprio percurso desta pesquisa, um único exemplar pode abrir um universo de informações ainda pouco investigadas.

CONCLUSÕES

Assim, se os CN constituem historicamente um espaço coletivo de publicação e circulação da literatura afro-brasileira, suas imagens também circulam. Elas encontram leitores, atravessam suas experiências e podem reaparecer transformadas em outros suportes. O cartaz do sarau deixa, então, de ser apenas uma peça de divulgação: torna-se um artefato de leitura, evidência material do encontro entre leitor e livro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Profa. dra. Suele Alves, por seu apoio e dedicação a pesquisa acadêmica dos deus discentes.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ANTÔNIO, Carlindo Fausto. Cadernos Negros: esboço de análise. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- BARBOSA, Márcio; RIBEIRO, Esmeralda (org.). Cadernos Negros: três décadas - ensaios, poemas, contos. São Paulo: Quilombhoje; SEPPIR, 2008.
- MEDEIROS, Mário Augusto. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020). 2. ed. São Paulo: SESC SP, 2023.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (org.). Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó; Ipeafro, 2022.
- QUILOMBHOJE (org.). Cadernos Negros. v. 15. São Paulo: Quilombhoje, 1992.
- QUILOMBHOJE (org.). Cadernos Negros. v. 31. São Paulo: Quilombhoje, 2008.
- QUILOMBHOJE (org.). Cadernos Negros. v. 42. São Paulo: Quilombhoje, 2019.
- SOUZA, Florentina. Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.